

## DA ARQUEOLOGIA DO SABER DE MICHEL FOUCAULT À ARQUEOLOGIA DA ANORMALIDADE DE JEAN- JACQUES COURTINE

MANOEL RUFINO DAVID DE OLIVEIRA<sup>1</sup>  
CAROLINA MESSEDER ZAHLUTH<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Doutorando em Direitos Humanos pela Universidade Federal do Pará (UFPA), na linha de pesquisa "Dispositivos Normativos e Marginalizações Sociais". Mestre em Direitos Humanos pela Universidade Federal do Pará (UFPA), na linha de pesquisa "Grupos vulneráveis e suas interfaces com a bioética e o biodireito". Bacharel em Direito pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professor universitário na Universidade Federal do Pará (UFPA), na Faculdade Facci Devry Belém e na Escola Superior Madre Celeste (ESMAC). Advogado com experiência prática na área de direitos humanos, direito das pessoas com deficiência, direito das mulheres e direito das pessoas LGBT. Possui como interesse principal de pesquisa as discussões atinentes às manifestações de corporeidade e marcadores de diferença e suas imbricações com a produção de estigmas, marginalizações sociais e violências físicas e simbólicas.

<sup>2</sup> Doutoranda em psicologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA), na linha de pesquisa "Psicologia, Sociedade e Saúde". Possui graduação em Psicologia pela Universidade da Amazônia (2014) e Mestrado em Psicologia pela Universidade Federal do Pará (2019), na linha de pesquisa Psicologia, Sociedade e Saúde. Atualmente atua na Fundação Santa Casa de Misericórdia, nas áreas da Educação em Saúde, Saúde Mental e Saúde do Trabalhador. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia clínica, Psicologia Social e em docência, atuando principalmente nos seguintes temas: mídia, gênero, política, saúde coletiva, saúde mental e direitos humanos. É membro da comissão de Gênero do CRP10 e pesquisadora no grupo de pesquisa Transversalizando.

**RESUMO:** O presente artigo debate sobre a método arqueológico em Michel Foucault e Jean-Jacques Courtine, para entender como a arqueologia da anormalidade de Jean Jacques Courtine (re)interpreta o a arqueologia do corpo de Michel Foucault. Apresenta-se o método arqueológico de Foucault, debate-se sobre a questão do corpo neste autor, e faz-se uma breve exposição da Arqueologia da anormalidade de Jean Jacques Courtine.

**Palavras-chave:** Arqueologia. Michel Foucault. Jean-Jacques Courtine.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo busca levantar um debate acerca dos conceitos de arqueologia de Michel Foucault e Arqueologia da anormalidade de Jean-Jacques Courtine, a partir da questão norteadora: Como a arqueologia da anormalidade de Jean Jacques Courtine (re)interpreta a arqueologia do corpo de Michel Foucault?

Para tanto, o artigo tem como objetivos: apresentar o método arqueológico de Michel Foucault, em especial no que tange o projeto epistemológico da obra "Arqueologia do Saber"; discutir a arqueologia do corpo de Michel Foucault, em

contraposição à análise geneológica do corpo feita pelo filósofo; e compreender como a arqueologia da anormalidade de Jean Jacques Courtine se apropria da arqueologia foucaultiana para compreender o fenômeno da anormalidade do corpo.

Foucault (2013) batiza de “arqueologia” a análise das formações discursivas e dos enunciados, das regras características de diversas práticas discursivas. A *Arqueologia do Saber* ocupa-se da episteme e dos saberes, sendo ela uma metodologia crítica da história epistemológica e clássica, a arqueologia pensa o sujeito como função variável e complexa do discurso. A intenção da análise arqueológica dos discursos e práticas discursivas é descrever limiares, limites, pontos de cruzamentos, controvérsias e os enunciados discursivos, jamais revelar continuidades e verdades (GOMES, 2018).

Visto que a arqueologia é um método que não se esgota, que não pressupõe fórmulas prontas e resultados fechados, sendo ela mesma, como todas as análises de Foucault, uma crítica à ciência, considera-se a emergência de releituras, de novas aplicações, de aprofundamentos e desdobramentos, como

a do linguista Jean-Jacques Charles Courtine, que, ao pesquisar a “anormalidade” e da “monstruosidade” no contexto do teatro de monstros entre o século 15 e 18, a partir da abordagem arqueológica, permite a análise da resignificação de Courtine sob a arqueologia do corpo foucaultiano.

Nesse sentido, o artigo é dividido em três momentos: a apresentação da Arqueologia de Michel Foucault, uma breve exposição do trabalho de Courtine com a questão da monstruosidade, e o debate entre as duas aplicações do método arqueológico.

## **NOVOS APROFUNDAMENTOS DA ARQUEOLOGIA DE FOUCAULT: ARQUEOLOGIA DA ANORMALIDADE EM JEAN-JACQUES COURTINE**

Um dos livros mais marcantes na trajetória foucautiana, a obra “As Palavras e as Coisas” de Michel Foucault tem por subtítulo “uma arqueologia das ciências humanas”, pois é nela que o filósofo francês propõe uma nova abordagem sobre as ciências humanas, cujo método e análise será explicitado em uma

obra posterior, “A Arqueologia do Saber”. Foi apenas nessa obra que Foucault situou o ponto a partir do qual eram constituídas as suas ideias sob uma perspectiva arqueológica, esmiuçando o modo como operava sobre os registros históricos em suas obras precedentes. Como aponta Judith Revel (2005, p. 16), o termo “arqueologia” aparece três vezes nos títulos das obras de Foucault, na obra “Nascimento da Clínica: uma arqueologia do olhar médico” publicada em 1963, na obra “As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas” publicada em 1966 e na obra “Arqueologia do Saber”, publicada em 1969, caracterizando até o final dos anos 1970 o método de pesquisa do filósofo.

Para o filósofo francês, uma arqueologia não seria uma “história”, na medida em que, como se trata de construir um campo histórico, Foucault opera em diferentes dimensões (filosófica, econômica, política, científica) para alcançar as condições de emergência dos discursos de saber de determinada época (REVEL, 2005, p. 16). Em outras palavras, mais do que uma mera definição de limites de método e análise, a proposta da

arqueologia definida por Foucault operou uma redefinição do conceito de história, partindo dos conceitos de documento e memória:

Digamos, para resumir, que a história, em sua forma tradicional, se dispunha a “memorizar” os monumentos do passado, transformá-los em documentos e fazer falarem estes rastros que, por si mesmos, raramente são verbais, ou que dizem em silêncio coisa diversa do que dizem; em nossos dias, a história é o que transforma os documentos em monumentos e que desdobra, onde se decifravam rastros deixados pelos homens, onde se tentava reconhecer em profundidade o que tinham sido, uma massa de elementos que devem ser isolados, agrupados, tornados pertinentes, inter-relacionados, organizados em conjuntos (FOUCAULT, 2013, p. 08)

Dessa maneira, como se vê nas palavras do autor, ao invés de estudar a história das ideias em sua evolução, ele se concentra sobre recortes históricos precisos, para descrever não somente a maneira pela qual os diferentes saberes locais se determinam a partir da constituição de novos objetos que

emergiram em certo momento, mas como eles se relacionam entre si e desenham de maneira horizontal uma configuração epistêmica coerente, como explica Judith Revel (2005, p. 16). Essa nova postura de Foucault perante o conceito de “história” implica também em uma nova postura frente aos documentos históricos, pois parte do pressuposto de que há uma massa de elementos dispersos que permitem construir novas séries e novas rupturas, um universo de dados ocultos aos olhares da história das ideias.

Segundo o filósofo francês, essa transmutação do olhar do pesquisador para um novo objeto e uma nova forma de leitura apresentou consequências imediatas, apresentadas na introdução da obra “A Arqueologia do Saber”: a multiplicação das rupturas na história das ideias; a emergência da noção de descontinuidade; o apagamento da história global e o surgimento de uma história geral; as problemáticas metodológicas inerentes a essa nova história. Foi para responder a essas problemáticas que Foucault passou a propor a “arqueologia” como método e análise.

Ao desdobrar a arqueologia como método, Foucault (2006, p. 229) explica que a arqueologia não se trata de uma metodologia que poderia ser aplicada segundo um regramento, em domínios diferentes, ao contrário, defende que é um mesmo campo de objetos, um domínio de objetos que procura isolar, utilizando instrumentos encontrados ou forjados por ele, no exato momento em que faz a sua pesquisa, mas sem privilegiar de modo algum o problema do método. Desse modo, ao dar foco na questão dos instrumentos isolados para análise, vemos despontar o “arquivo” como conceito fundamental na arqueologia: “o arquivo é, antes de tudo, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o surgimento dos enunciados como acontecimentos singulares” (FOUCAULT, 2013, p. 170).

Dessa maneira, na arqueologia foucaultiana reencontra-se, ao mesmo tempo, a ideia de archè, de princípio, de começo, da emergência dos objetos do conhecimento, e a ideia de arquivo enquanto o registro desses objetos. Contudo, a forma como Foucault vê o arquivo não é como um traço morto do passo, pois a arqueologia visa, na verdade, o presente: “se eu faço isso, é com

o objetivo de saber como nós somos hoje”. Colocar a questão da historicidade dos arquivos significa problematizar nosso próprio pertencimento a um regime de discursividade dado e a uma configuração do poder, como explica Judith Revel (2005, p. 17). Analisar os fatos de discurso no elemento geral do arquivo é considerá-los não simplesmente como documentos, mas como monumentos.

Da “História da Loucura” à “Arqueologia do Saber”, o arquivo representou para Foucault um conjunto dos discursos efetivamente pronunciados numa dada época e que continuam a existir através da história. Analisar esses documentos históricos faria necessária uma recuperação de um arquivo geral da época escolhida, de forma a compreender as suas regras, suas práticas, suas condições e seu funcionamento, dando conta de todos os traços discursivos que permitam a reconstituição desses conjuntos de regras que, num momento dado, definem ao mesmo tempo os limites e as formas da dizibilidade, da conservação, da memória, da reativação e da apropriação (REVEL, 2005, p. 18). Assim, os arquivos enquanto objeto da

arqueologia não são analisados como signos de alguma coisa, dos quais se poderia extrair um sentido, mas como “prática discursiva”.

Para Foucault (2013, p. 133), as práticas discursivas são “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definem para uma época dada e para uma área social econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa”. Nesse sentido, o filósofo francês resgata a noção de “discurso”, enquanto um conjunto de enunciados que se apoiam na mesma formação discursiva, não formando uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar e explicar na história, mas sim por um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência (FOUCAULT, 2013, 132-133).

Como explica Judith Revel (2005, p. 37), o interesse de Foucault por esses “planos discursivos” se deu, em primeiro lugar pela necessidade de analisar as marcas discursivas,

isolando as leis de funcionamento independentes da natureza e das condições de enunciação, o que explica o interesse de Foucault, na mesma época, pela gramática, pela linguística e pelo formalismo. Uma segunda razão desse interesse foi a necessidade de descrever a transformação dos tipos de discurso nos séculos 17 e 18, de forma a historicizar os procedimentos de identificação e de classificação próprios desse período, fazendo com que a arqueologia dos discursos fosse não apenas uma análise linguística, mas uma interrogação sobre as condições de emergência dos dispositivos discursivos que sustentam práticas (como feito por Foucault em “História da Loucura”) ou que as engendram (como feito por Foucault em “As Palavras e as Coisas” e “Arqueologia do Saber”).

Resumindo o método e análise arqueológico de Foucault, o historiador Alun Munslow (2009) explica que para o filósofo francês o contato com o mundo só seria possível mediante o acesso à linguagem, uma vez que a linguagem seria a ligação ao passado que permitiria exprimi-lo. Nesse sentido, Munslow argumenta que a arqueologia foucaultiana estaria voltada para o

estudo das interpretações, das apropriações, das criações e das regulações do conhecimento por parte das sociedades em determinados momentos históricos, possibilitando a formação de atos de fala enunciativos ou elocutórios que estariam contidos no interior das formações discursivas orientadas por um regime de verdade, razão pela qual é necessário dar uma precisa atenção aos conceitos de “práticas discursivas” e “discurso” presentes na obra “A Arqueologia do Saber”. Segundo Foucault, existe um conjunto de signos produzidos a partir de uma língua natural, uma “performance verbal”. O enunciado seria a modalidade de existência própria desse conjunto de signos, uma modalidade em relação com um domínio de objetos. Porém, não nos importa o enunciado como um tipo linguístico isolado, mas assim a função enunciativa, a relação que o enunciado dá a um campo de objetos. A formação discursiva se dá nessa relação, portanto, os enunciados, sendo eles diferentes em vários aspectos e dispersos em vários tempos, acabam por formar um conjunto ao se referirem ao mesmo objeto. A partir desse conceito, pode-se pensar o discurso como um “conjunto de enunciados que se

apoia em um mesmo sistema de formação; é assim que poderei falar do discurso clínico, do discurso econômico, do discurso da história natural, do discurso psiquiátrico” (FOUCAULT, 2013, p.122).

Contudo, houve um aparente abandono do tema do discurso e da proposta de método e análise arqueológica depois de 1971, em proveito de uma análise das práticas e das estratégias de poder, marcando uma passagem para uma nova fase de pensamento foucaultiano, chamada de fase geneológica do poder. Esse deslocamento embasa a passagem metodológica da arqueologia à genealogia, mas não significa dizer que de fato houve um desaparecimento do “discurso” nas obras do autor, uma vez que o tema das práticas de resistência possui uma origem discursiva, conforme discutido pelo filósofo ao longo de suas obras realizadas a partir da década de 1970. Assim, apesar de ter mudado seu método e análise para uma perspectiva geneológica, a arqueologia nunca de fato desapareceu de seus escritos.

Contudo, foi por meio do método arqueológico que Foucault analisou o corpo em diversas de suas obras: o corpo foi uma constante de toda a análise foucaultina, desde os primeiros escritos sobre transtornos mentais e psicologia até as suas obras finais sobre a história da sexualidade e seus cursos no *Collège de France*. Em “Vigiar e Punir”, Foucault (1987) buscava compreender como se passou de uma concepção do poder em que se tratava o corpo como uma superfície de inscrição de suplícios e de penas a uma outra que buscava, ao contrário, formar, corrigir e reformar o corpo. Quando Foucault (1999, p. 131) começa a pesquisar a sexualidade, mais especificamente em “História da Sexualidade: a vontade de saber” ele toma consciência de que o corpo está inscrito em duas redes de controle: a anatomopolítica do corpo humano, isto é, do conjunto de processos que visam adestrar o corpo individual através de disciplinas, e a biopolítica, isto é, do conjunto de processos de intervenções e controles reguladores populações. O corpo representaria então um foco da resistência do poder, tema este que se torna central nas análises do filósofo no final dos anos 70.

Em grande parte, é mérito da obra foucaultiana o enraizamento inicial do corpo no discurso das ciências humanas. Foucault (1987), ao falar sobre o nascimento da prisão, traça sua genealogia, não do ponto de vista de uma história do direito, mas sim de uma história do corpo, de uma genealogia do corpo, que viria a complementar a arqueologia do corpo feita em outros de seus escritos. Assim, foi no trabalho do filósofo francês que o corpo passou verdadeiramente à posição de objeto de pesquisa nas ciências humanas, pois o autor inscreveu as coerções exercidas sobre o corpo em um horizonte histórico de longa duração, assim como acompanhou algumas das transformações posteriores do corpo pelo sujeito moderno. É exatamente por essa razão que o linguista Jean-Jacques Courtine busca “pensar o corpo com Foucault”, uma vez que a arqueologia, como análise da proveniência, faria extremamente perceptível a articulação entre o corpo e a história, mostrando o “corpo todo impresso de história” e a “história arruinando o corpo”.

A partir do método arqueológico e da análise de discurso proposta por Michel Foucault em “A Arqueologia do Saber”,

poderiam ser apontados inúmeros desdobramentos e aprofundamentos de sua teoria epistemológica e semiológica. Contudo, o foco principal desse escrito é focar nas aplicações feitas por Jean-Jacques Charles Courtine, linguista francês nascido em 1945 e testemunha e ator do desenvolvimento da análise do discurso na França, em torno da figura e dos trabalhos de Michel Pêcheux. Linguista de formação, mas historiador por vocação, “eu li muito Foucault”, confessa Courtine (2010, p. 1). Durante os quinze anos que permaneceu nos Estados Unidos, entre 1988 e 2003, seu ponto de observação mudou, afastando-se do “discurso”, sem totalmente o abandonar, e passando mais pelo “corpo”, analisado sob uma abordagem histórica, cultural e antropológica.

Atualmente professor de antropologia cultural na Université de la Sorbonne Nouvelle - Paris III, Jean-Jacques Courtine é pesquisador acerca da história cultural das emoções faciais entre o século 16 e 19, da história do corpo e da história da masculinidade, todas sob uma perspectiva arqueológica foucaultiana e de análise do discurso mediada por Foucault e



Pêcheux. Para delimitar ainda mais, iremos analisar as novas aplicações e ressignificações que Courtine forneceu à arqueologia do corpo de Foucault a partir do estudo da “anormalidade” e da “monstruosidade” no contexto do teatro de monstros entre o século 15 e 18, constante na obra “Decifrar o corpo: pensar com Foucault” (2013) e no texto “O corpo inumano” presente na obra “História do Corpo: Da Renascença às Luzes” (2008).

Nesse caso, vemos que o pensamento de Courtine desponta como um interessante aprofundamento arqueológico e de análise do discurso de um tema que Foucault não teve oportunidade (ou talvez, tanto interesse) de desenvolver: a questão da anormalidade e da monstruosidade sob uma perspectiva arqueológica. É verdade que na obra “As Palavras e as Coisas”, Michel Foucault considerava que os monstros não seriam “de uma natureza distinta da das próprias espécies”, e constituiriam apenas o ruído de fundo ou o murmúrio ininterrupto do mundo natural. Desta forma, a partir do poder contínuo que a natureza deteria, o monstro promoveria a diferença ao estatuto de princípio fundamental, colocando em

questão, no âmbito do saber científico, o primado da identidade e da representação.

Contudo, como analisa José Gil (2006, p. 61-63), no período dedicado à arqueologia do saber, as referências de Michel Foucault às monstruosidades se restringiam a esses aspectos da história natural, o que pode ser visto, por exemplo, na ausência de referências ao anão na análise do “Las meninas de Velásquez” feita por Foucault. O autor aponta que foi somente no período genealógico do poder que o tema da monstruosidade corporal humana ocupou um lugar importante, pois é apenas no Curso do Collège de France “Os Anormais”, realizado nos anos de 1974 e 1975, que o filósofo francês discute a ampla dimensão alcançada pelos monstros na genealogia do conceito de anormalidade desde o século 18:

Creio ser possível dizer, para situar esta espécie de arqueologia da anomalia, que o anormal do século 19 é o descendente de três indivíduos: que o monstro, o incorrigível e o masturbador. O indivíduo anormal do século 19 vai ficar marcado - e muito tardiamente na prática medicinal, na

prática judiciária, no saber como nas instituições que vão circundá-lo - por esta espécie de monstruosidade tornada cada vez mais apagada e diáfana, por esta incorrigibilidade retificada e cada vez melhor cercada por aparelhos de retificação (FOUCAULT, 1999, p. 55).

Nesse caso, Foucault defende que dentre as principais figuras no domínio das teorias médico-jurídicas sobre as anomalias daquele período destacava-se a do “monstro humano” no quadro de referência legal do saber jurídico, mostrando ao longo do curso que o que definia esse monstro humano, tanto na sua existência como na sua forma, era não apenas a violação das leis da sociedade, mas também a violação das leis da própria natureza (JUNIOR, 2010, p. 181). A existência do monstro já era o bastante para configurar uma infração à essas leis, razão pela qual, apesar de ser um fenômeno extremamente raro no domínio biológico-jurídico, se transformou num ponto central para a avaliação de diferentes aspectos da subversão das leis.

Um dos principais intérpretes do curso “Os Anormais” foi Jean-Jacques Courtine (2013, p. 85), que defendia que

Foucault pôde analisar os monstros a partir dos livros de anatomia, dos tratados jurídico-legais, dos pareceres médico-biológicos, mas que pouco (ou até mesmo, nada) lançou de atenção às monstruosidades humanas que aguardam esmola na afluência das esquinas e na soleira das igrejas medievais, aos espetáculos dos quais ocorrem os transeuntes das Feiras de Saint-Germain, da Feira de Saint-Laurent e da Feira do Trono. Nesse caso, de forma a aprofundar a análise de Foucault, o autor busca fazer uma arqueologia da “monstruosidade” e do “monstro” para mostrar como o olhar curioso que livremente ia se divertir com o espetáculo das deformidades humanas perdeu lentamente sua inocência e pouco a pouco cobriu-se de objeções morais.

Para fazer essa arqueologia da anormalidade, Courtine buscou resgatar determinados arquivos para fazer uma análise das práticas discursivas presentes neles, tais como os tratados de monstros que catalogavam as “aberrações humanas” exibidas nos teatros dos monstros do século 18. A partir do tratado “Des monstres, des prodiges, des voyages” (1573) de Ambroise Aré, no

qual se relatam desde irmãs siamesas até um homem cujo ventre saía outro, Courtine verifica que os tratados de monstros registravam formas longínquas de curiosidade, razão pela qual esses arquivos trazem para a memória a existência desde a época mais remota de um espetáculo e um comércio episódico da monstruosidade que não é discutiva na obra de Michel Foucault.

Um outro arquivo que merece atenção para a análise arqueológica da monstruosidade são dos documentos que contam a história de Petit Pépin, artista da Feira Saint-Laurent de Paris. Nascido em Veneza em 1739, Petit Pépin era um tronco humano, sem braços nem pernas, mas ao qual eram fixados dois pés e duas mãos, que permitiam carregar uma baioneta, além de se adornar com um turbante para se mostrar como um “monstro tusco”. O linguista francês nota que o discurso que a exposição dos homens sem-membros oferecia ao público nas feiras parisienses do século 18 seria uma teatralização burlesca da castração, pois ela encena e descreve a expressão de uma inquietação diante da imagem de um corpo metaforicamente desprovido de seus atributos fálicos; em seguida organiza o

recalcamento deste medo em uma restauração divertida desta mesma imagem (COURTINE, 2013, p. 103-104).

Como outro resgate arqueológico, Courtine (2013, p. 96) analisa os anúncios de monstruosidades que publicizavam as feiras e exposições de anomalias. O pesquisador explica que as folhas soltas de anúncio eram vendidas em leilão por ambulantes, anunciando assim o rumor da presença de um monstro na idade e levando os curiosos ao local de sua exibição. Curiosamente, ao analisar as exposições de monstruosidades que se faziam acompanhar de uma abundância de cartazes publicitários e de anúncios publicados em almanaques populares enquanto arquivo arqueológico, Courtine (2013, p. 106) conclui que esses anúncios dos monstros de feiras e de rua na cultura urbana de diversão do século 18 seguiam, passo a passo, as estruturas discursivas do conto popular das regiões rurais de outrora para teatralizar as deformidades anatômicas e desenvolver uma cultura da diversão nos habitantes citadinos.

Nesse caso, quais conclusões tirar dessa exploração das feiras parisienses do século 18 quanto ao projeto foucaultiano de

uma “arqueologia da anomalia”? Segundo Courtine (2013, p. 113), verificou-se a partir da arqueologia da anomalia que as causas de extinção dessa forma de curiosidade, da dispersão dos públicos da monstruosidade, são múltiplas e complexas. Na década de 1770, havia um “Café dos Cegos” localizado na Praça Louis XV em Paris que, em um curto espaço de tempo, a afluência de pessoas foi tão grande que foi necessário colocar sentinelas à entrada deste café, conforme consta no documento histórico “Almanach Forain” de 1773.

Contudo, o século 18 foi o momento em que se desenvolveram a atenção científica e a preocupação moral com as enfermidades e o momento em que nasceram os primeiros projetos de reeducação dos surdos, dos mudos, dos cegos. Houve uma transformação dos olhares sobre o corpo, partindo de um visão na qual se via somente monstruosidade para chegar em uma que se percebe uma enfermidade. Para onde se lançava os olhares e se enxergava uma “monstruosidade” ou “aberração”, passou a se enxergar uma “handicap”.

Em outras palavras, Courtine constatou que as causas de extinção dessa forma de curiosidade remontam uma transformação da amplitude de sensibilidades que vai, ao longo do século 19, descobrir o homem no monstro e nutrir uma compaixão crescente pelas misérias anatômicas das ruas e das feiras. As causas de extinção participam ainda de uma divisão social crescente dos públicos, da elaboração de uma lista negra e do controle administrativo de determinadas formas de cultura popular, subitamente julgadas obscenas ou vulgares. Elas também dependem de uma incorporação definitiva pela medicina da questão teratológica e de uma definição tornada científica da observação dos monstros humanos. Do ponto de vista da moral como daqueles do gosto e da ciência, algumas curiosidades vão se tornar doentias, algumas atrações suspeitas, alguns olhares indecentes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou realizar uma análise da (re)interpretação da arqueologia do corpo de Foucault, a partir

da arqueologia da anormalidade de Jean Jacques Courtine. Courtine, ao pensar a monstruosidade como espetáculo, aplica a arqueologia ao levantar diversos tipos de arquivos da época que o interessava, ou seja, buscou compreender a monstruosidade e a anormalidade como prática discursiva em um determinado recorte temporal; não buscando a origem do discurso ou da própria monstruosidade, mas trabalhando em rupturas, convergências, divergências; não pensando nessa história como linear e contínua, mas como uma malha de discursos que produzem o monstro e o anormal.

O corpo, como objeto do método arqueológico, como impresso de história e arruinado por ela, aparece na pesquisa de Courtine. Para surgir o discurso do monstro, do anormal, é necessário que exista o discurso sobre o que é “normal” e “belo”, discursos esses que discorrem sobre corpos: corpos de irmãs siamesas, de homens com ventres, de corpos sem braços e pernas. Dessa forma, o corpo monstruoso é uma prática discursiva em um recorte temporal, onde o bizarro, o burlesco, o cômico geravam um gozo social; aquele tempo antes da

preocupação com o saudável, com a higienização das cidades. É a partir desse pensar histórico, dessa produção discursiva de monstros, que Courtine reinterpreta a Arqueologia de Michel Foucault.

Nenhum dos métodos de Foucault esgota-se em si mesmo; ao se ver genealógico, o filósofo não pensa uma linha evolutiva de seus métodos, nem os pensa separados e inconciliáveis – seria uma forma de fazer história totalmente contrária à forma foucaultiana. Sendo assim, é importante a aplicação e (re)invenção dos métodos, vê-los em suas rupturas, descontinuidades; aplicá-lo sem buscar endurecê-los. Que novas arqueologias sejam pensadas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COURTINE, Jean-Jacques. *Decifrar o corpo: pensar com Foucault*. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- COURTINE, Jean-Jacques. O corpo inumano. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, George (Org.)

*História do Corpo: Da Renascença às Luzes.* Petrópolis, Editora Vozes, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975).* São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas.* São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber.* Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2013.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber.* Rio de Janeiro: Editora Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão.* Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos IV. Estratégia poder-saber.* Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2006.

GIL, José. *Monstros.* Lisboa: Editora Relógio D'Água, 2006.

GOMES, Roger Marcelo Martins. *A arqueologia do saber: uma proposta metodológica para a análise do discurso em história.* Interfaces Científicas - Humanas e Sociais, Aracaju, v. 6, v. 3, p. 19-26, Fev. 2018.

JUNIOR, Carlos Augusto Peixoto. *Sobre corpos e monstros: algumas reflexões contemporâneas a partir da filosofia da diferença.* Psicologia em Estudo, Maringá, v. 15, n. 1, p. 179-187, jan./mar. 2010.

MUNSLOW, Alun. *Desconstruindo a história.* Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

REVEL, Judith. *Michel Foucault: conceitos essenciais.* São Carlos: Editora Claraluz, 2005.